

O CONTEXTO DA CAMPANHA DA FEMECS PELA SOCIOLOGIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA: ENTREVISTA COM MARCIO MALTA¹

Camila Lamarão*

Roberto Mosca Junior**

Vinicius Mayo***

RESUMO: Entrevista concedida, como as demais que integram o presente número de *Perspectiva Sociológica* (nº 27), como parte do resgate da memória de fatos e passagens relacionados ao processo de aprovação do PL 09/00 no Senado Federal, em 2001, e ao posterior veto de Fernando Henrique Cardoso. Os relatos jogam luz sobre este momento marcante da luta pela reinserção da Sociologia no currículo da Escola Básica. São seis depoimentos de cientistas sociais que se engajaram na campanha pela aprovação do projeto quando eram estudantes e participavam da Federação do Movimento Estudantil de Ciências Sociais (FEMECS). A presente entrevista é um depoimento de Marcio Malta, professor de Ciência Política da Universidade Federal Fluminense (UFF). Os depoimentos fazem parte de uma série de entrevistas realizadas em 2015, através de uma pesquisa iniciada no mesmo ano, no âmbito do Laboratório Lincoln Bicalho Roque, localizado no Departamento de Sociologia do Colégio Pedro II. A iniciativa foi contemplada no edital de projeto de iniciação artística e cultural lançado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC) do Colégio Pedro II e desenvolvida pelos professores Roberto Mosca Junior e Vinicius Mayo.

Palavras-Chave: Ensino de Sociologia, Sociologia no Ensino Médio, Movimento Estudantil, Memória.

ABSTRACT: Interview granted, like the others in the present issue of *Perspectiva Sociológica* (nº27), as part of the recovery of the memory of facts and passages related to the approval

¹ Professor Adjunto do curso de Relações Internacionais do Instituto de Estudos Estratégicos (INEST) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Marcio Malta (Nico) participou dos fóruns da FEMECS na época da discussão da votação da Sociologia no ensino médio no Congresso Federal. Sua atuação se deu por conta da militância no diretório acadêmico Raimundo Soares do curso de Ciências Sociais da UFF. Na ocasião da entrevista (2017), era vice-coordenador do curso de licenciatura em Ciências Sociais da UFF/Campos. Atualmente é professor do curso de Relações Internacionais (INEST/UFF). Durante a campanha em defesa da Sociologia no ensino médio, contribuiu como autor em uma série de desenhos, exercendo sua profissão de cartunista. Ainda como desenhista, publicou livros de charges que visam contribuir com atividades em sala de aula, bem como ilustrou diversas edições dos diferentes livros didáticos de Sociologia para o ensino médio, muitos deles aprovados pelo PNLD. Ofertou ainda diversas oficinas sobre como desenhar em sala de aula em sucessivas edições do Encontro Estadual de Ensino de Sociologia (ENSOC/RJ).

* Graduada em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) colaboradora realizando as transcrições das entrevistas presentes nesta edição.

** Professor de Sociologia do Colégio Pedro II e doutorando no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais (PPCIS-UERJ), mestre em Ciências Sociais pelo PPCIS-UERJ, bacharel e licenciado em Ciências Sociais (UERJ) colaborador do LAEDH-CPII na linha de pesquisa Grupo de Estudo em Ciências Sociais e Memória (GECISME). Revisou as presentes transcrições.

*** Professor de Sociologia do Colégio Pedro II, mestre em Sociologia (com concentração em Antropologia) pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), bacharel e licenciado em Ciências Sociais pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS-UFRJ). Revisou as presentes transcrições.

process of PL 09/00 in the Federal Senate, in 2001, and the subsequent veto by Fernando Henrique Cardoso. The reports shed light on this defining moment in the struggle for the reinsertion of Sociology in the Basic School curriculum. There are six testimonies from social scientists who engaged in the campaign for the project's approval when they were students and participated in the Federation of the Student Movement of Social Sciences (FEMECS). The present interview is a statement by Marcio Malta, professor of Politics at the Universidade Federal Fluminense (UFF). The testimonies are part of a series of interviews carried out in 2015, through a survey initiated in the same year, within the scope of the Lincoln Bicalho Roque Laboratory, located in the Department of Sociology of Colégio Pedro II. The initiative was included in the public notice for an artistic and cultural initiation project launched by the Dean of Graduate Studies, Research, Extension and Culture (PROPGPEC) of Colégio Pedro II and developed by professors Roberto Mosca Junior and Vinicius Mayo.

Keywords: Teaching Sociology, Sociology in High School, Student Movement, Memory.

Roberto Mosca & Vinicius Mayo: Bom dia Marcio. Obrigado por ter aceitado nosso convite. Vamos iniciar nos termos que conversamos anteriormente. Como foi seu engajamento na luta pela implementação da Sociologia na Educação Básica?

Marcio Malta: Eu estava bem no início da militância no movimento estudantil, estudava Ciências Sociais na Universidade Federal Fluminense (UFF) e me lembro que essa campanha pela Sociologia no ensino médio foi uma iniciação, vamos dizer assim. Então, tinham essas atividades na Cinelândia, de vez em quando algumas plenárias na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), eu me lembro que a UFRJ, além da UFF, tinha uma militância muito forte também. O bacana de militar nessa campanha pela Sociologia no ensino médio, antes de tudo, foi a rede que a gente fez, que talvez hoje em dia seja impossível. Eu me lembro não só das federais, como também das particulares. Então, por exemplo, não só a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) – que tinha uma militância forte por conta do centro acadêmico deles na época – assim como algumas universidades que a gente foi descobrindo como, por exemplo, a Cândido Mendes. Eu me lembro que tinha um ou dois alunos que sempre estavam presentes. Para além dessa questão do diretório acadêmico de Ciências Sociais da UFF, existia esse movimento de área e, em diversas vezes, a gente teve a oportunidade de participar de encontros – não só do ENECS em Pernambuco, em 2001 – como também de um regional no interior de São Paulo. É importante também destacar que eu fazia parte do DA [Diretório Acadêmico] de Ciências Sociais e contribuía muito com os desenhos. Antes de fazer Ciências Sociais eu já desenhava, então, quando eu entro na faculdade, quando eu começo a fazer movimento estudantil, começo a contribuir através dos desenhos. Eu me lembro que, no começo da campanha, uma das principais formas de contribuição foram os desenhos.

R.M. & V.M.: Você pode falar um pouco do desenho que fez para a campanha da FEMECS a favor da implementação da Sociologia na Educação básica?

M.M.: O desenho virou uma camisa para financiar o movimento. Qual era o fato político da época? Fernando Henrique Cardoso, Presidente da República, formado em Ciências Sociais e professor de Sociologia, havia se pronunciado rejeitando o projeto de lei que implementava a Sociologia na Educação Básica. Então fizemos uma camisa sobre isto. Os dizeres da camisa eram “FHC já apagou o passado dele”, porque tinha um mito (na verdade ficou como um mito depois) que ele tinha dito “Esqueçam o que eu escrevi”. É uma caricatura, na verdade, uma charge política em que Fernando Henrique Cardoso está com uma borracha gigante (aquela borracha escolar *tekplast*) dizendo que já havia apagado o passado dele e agora queria apagar nosso futuro. Uma das faixas nos atos era “sociólogo formado, sociólogo desempregado”, porque, afinal de contas, o campo do bacharel é tão forte nas Ciências Sociais até hoje, mas, em licenciatura, você se formava e não tinha tanta perspectiva. Então, a luta era pela regulamentação da Sociologia no ensino médio. Eu me lembro que também era um debate muito forte, porque os historiadores, por exemplo, não queriam a regulamentação, eles achavam que era burocratização, e nós das Ciências Sociais reivindicávamos porque víamos como um caminho para aumentar nossa luta.

R.M. & V.M.:A venda da camisa ajudou na campanha financeira para a caravana dos estudantes a Brasília. Você esteve presente na votação, na Câmara dos Deputados. Como aconteceram as relações e articulações políticas com os parlamentares para a aprovação do projeto?

M.M.: O Roberto Freire, que era presidente do Partido Popular Socialista (PPS), ao comentar a questão que estávamos levantando, disse: “Ué posso até votar, mas isso não serve para nada mesmo”. Eu lembro que foi com bastante rispidez, bem agressivo. Posso citar mais dois – um eu não lembro exatamente o nome – mas eram cenas bem casuais como, por exemplo, muitas vezes o parlamentar estava sacando um dinheiro no caixa eletrônico e a gente abordava pedindo voto. Eu me lembro que adentrei o gabinete do Fernando Bezerra, do Rio Grande do Norte, e um dos argumentos (por incrível que pareça funcionou) porque o assessor tinha negado uma conversa, uma audiência com o parlamentar e, a partir do momento que comentei que era desenhista e acompanhava muito a trajetória do Henfil, eu falei: “Olha, o parlamentar teve contato com o Henfil, se eu pudesse bater um papo com ele”. Ele nos recebeu e, a partir do momento que falei o nome do Henfil, de Betinho, toda essa família e a questão da Sociologia, Revista *Perspectiva Sociológica*, n.º 27, 1º sem. 2021, p.28-34

ele falou: “Olha, até segunda ordem eu não ia votar a favor, mas, a partir desse tipo de pedido, vocês estão aqui, então eu acho interessante, vocês estão batendo esse papo, foi esclarecedor”. A gente conseguiu entrar no gabinete da Heloisa Helena, que era senadora pelo Partido dos Trabalhadores e uma referência para alguns companheiros que estavam em Brasília. O nome da Heloisa Helena eu não conhecia, mas já tinham dito que era uma aliada nossa e nós fomos abrigados pelo gabinete dela. Eu me recordo que, apesar de não ter tido contato com a parlamentar, um dos seus assessores falou: “Ninguém vai tocar a mão nos militantes, então, deixa eles aqui, afinal de contas, não estão fazendo nada absurdamente proibido”. Então, quando veio esse balde de água fria, o Fernando Henrique Cardoso dando o veto, é interessante também que não arrefeceu, a gente continuou naquela perspectiva de: “Não. Vamos continuar batalhando, para levar para um segundo turno e conseguir reverter esse quadro” [a votação do PL 09/00 se deu em dois turnos: o primeiro em 28 de agosto e o segundo em 18 de setembro de 2001]. Mas, pelo fato da trajetória do Fernando Henrique Cardoso – e com essa brincadeira que eu faço que ele já apagou o passado dele – não foi tanta surpresa assim, afinal de contas, como diz o Millôr Fernandes: “de onde menos se espera, é daí mesmo que não vem nada”. No fundo, eu tinha uma confiança, citando Paulo Leminski que eu gosto bastante, de que “Distraídos venceremos”.

R.M. & V.M.: Aproveitando o título “Distraídos venceremos”, você se via como protagonista e tinha consciência da sua importância e contribuição na luta pela implementação da Sociologia?

M.M.: É uma consciência tardia, *a posteriori*. Conversando em Caxambu, numa ANPOCS [Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais], com a hoje professora Julia Polessa, que também foi uma figura bem importante ali, eu me lembro que ela era bem próxima, era meu contato inclusive nos assuntos relativos aos ENECS [Encontro Nacional de Estudantes de Ciências Sociais], no que dizia respeito ao aspecto organizativo, de mandar e-mail, trocar informações, mandar arte, etc. A Julia Polessa comentou comigo: “Marcio, você foi importante”. Independentemente da perspectiva individual, eu não tinha essa consciência, que aconteceu *a posteriori* a partir dos relatos, das memórias e dos perrengues. Quando você é estudante, você é ferrado, vem de classe mais popular, não tem sequer um *scanner*, um computador. Para fazer as camisas foi muito difícil. Eu comprava papel transparente do meu bolso, depois decupava essa imagem no papel transparente e entregava para um camarada que fazia o *silkscreen* para fazer a tela. Tem mais um aspecto, essa blusa que

Revista *Perspectiva Sociológica*, n.º 27, 1º sem. 2021, p.28-34 ISSN: 1983-0076

estou vestindo hoje, por exemplo, a gente pegou dinheiro emprestado com o Diretório Acadêmico de História, ficamos devendo cerca de mil reais, eu e o Flavio Serafini. A gente era da comissão de finanças do Diretório Acadêmico e, a partir da venda dessa camisa, conseguimos pagar o empréstimo que tínhamos feito.

R.M. & V.M.: Qual a diferença entre a mobilização do início dos anos 2000 – militância da sua época -, pedindo a entrada da Sociologia no ensino médio, e a geração de hoje, que utiliza as novas tecnologias da informação, as redes sociais?

M.M.: Enxergo uma mobilização ao mesmo tempo paradoxal e dialética naquela época, pois era mais difícil de mobilizar. Eu me recordo, por exemplo, que chegamos a enviar cartas para a casa dos alunos pedindo ajuda – hoje em dia seria talvez uma temeridade (eu não teria problema algum de falar hoje) –, para isto corremos mandatos de esquerda, dos vereadores de Niterói, por exemplo, – eles tinham uma cota de selos, alguns deputados estaduais tinham, sei lá, 3 mil selos por mês – pedindo cerca de 400 selos para enviar para cada estudante para que participassem das nossas atividades, não só da Sociologia no ensino médio, mas da greve de 2001, de festas. Hoje em dia, seria um método impensável você mandar cartas para as pessoas. Eu me lembro que telefonávamos muito de telefone fixo, parava em algum gabinete ou na casa de alguém mesmo que conseguisse ligar, dividia entre a gente, um ligava para cinco, outro ligava para mais cinco pessoas. SMS era uma novidade na época, que a gente usava pouco, mas era caro. Então, a forma de convocatória era assim, muito cartaz feito à mão, era uma era pré-digital. Hoje é mais fácil você criar um evento no Facebook, você marcar as pessoas ali, não tinha nem Orkut, MSN era pouquíssimo utilizado, internet muito lenta, tinha que usar de madrugada. Então, nesse sentido de mobilização, era muito mais difícil, mas, ao mesmo tempo funcionava. Seria até mais fácil se tivéssemos as redes sociais para fortalecer os laços de solidariedade diante da escassez de recursos dos estudantes. Eu me lembro – pode parecer uma coisa piegas – que a gente dividiu um sanduíche lá no Senado, ninguém tinha dinheiro para comprar ali, a gente fez uma vaquinha, era caríssimo um sanduíche nas dependências do Senado, e foi nosso almoço naquele dia. É preciso ressaltar o protagonismo dos estudantes sim.

R.M. & V.M.: A professora Luitgarde, assim como você, fez questão de ressaltar este protagonismo dos estudantes. Como era o envolvimento dos professores das Universidades na luta pela implementação da Sociologia na Educação Básica?

M.M.: A exceção era o professor Santo Conterato, que era da APSERJ [Associação Profissional dos Sociólogos do Estado do Rio de Janeiro] e estava à frente desse movimento de implementação da Sociologia na Educação Básica. Existia uma apatia, vamos dizer, até certa comodidade, porque já eram professores de universidade pública e não se preocupavam tanto assim com uma aprovação da Sociologia no ensino médio. Até combatendo um argumento que muitas vezes ouço como professor, às vezes colegas falam assim: “Ah, mas a Sociologia no ensino médio só está presente porque o sindicato é forte”. Mentira, nós não tínhamos sindicato forte, sequer temos sindicato dos sociólogos forte hoje. Atualmente, o que existem são movimentos bem localizados, como por exemplo a ABECS [Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais]. Eu concordo com a professora Luitgarde porque – chamando um termo até leninista – a vanguarda do movimento ali, no Rio de Janeiro, sem sombra de dúvidas, foram os estudantes que se organizaram, que foram para as ruas, que faziam passeatas. Então, tirando assim, excepcionalmente, o professor Santo Conterato e a professora Luitgarde, que aparecem na foto que você menciona, quem estava de frente – usando o termo “bucha de canhão” mesmo, de botar a cara e se disponibilizar –, eram os estudantes. Assim como nas plenárias não tinha nenhuma presença de professor.

R.M. & V.M.: Hoje a Sociologia está outra vez ameaçada e as mobilizações aparecem novamente para evitar esse fluxo intermitente. As mobilizações de hoje são diferentes das do início dos anos 2000?

M.M.: Eu vejo como um contexto de fragmentação, de dispersão, ao passo que – não que nós fôssemos os mais combativos, mas nós nos organizamos, nós não arrefecemos, nós fomos a Brasília, sem qualquer tipo de sindicato ou ajuda financeira, pelas nossas próprias contas e pelos nossos braços. O que eu percebo muitas vezes é um certo comodismo e, até para ser sincero, acabou se convertendo em produção acadêmica. Explico. Eu me lembro de uma turma que lecionei desde o início da faculdade, em 2013, 2014, e estão se formando agora [Licenciatura em Ciências Sociais na UFF/Campos, turma de formandos de 2017]. Quando começa a ter a notícia da Reforma do ensino médio, eles ficam muito desesperados: “acabou nossa profissão, a gente não tem perspectiva nenhuma”, mas, num curto espaço de seis meses, surgiram três ou quatro boas monografias comentando sobre a Reforma do ensino médio e o [movimento] Escola Sem Partido. Então, talvez seja outro caminho, outra forma de luta, mais acadêmica, que nós não tínhamos tanto. Isso não se refletia em monografias na nossa época, era mais uma trajetória militante, por mais que depois a gente tenha enveredado e feito nossos caminhos de pós-
Revista *Perspectiva Sociológica*, n.º 27, 1º sem. 2021, p.28-34

graduação, fomos aprovados em concursos públicos, não abrimos mão da perspectiva acadêmica. Mas, como existe hoje em dia participação em congressos, *papers*, artigos, esse fato não era uma realidade nossa. O que eu percebo é que essa geração de hoje em dia canaliza bastante para esse sentido. Não que seja melhor ou pior, mas é uma forma diferente de lidar.